

GUIA DA TIPOLOGIA EXTRATERRESTRE

© 2023 — Conhecimento Editorial Ltda

Guia da Tipologia Extraterrestre

Thiago Ticchetti

Todos os direitos desta edição
reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

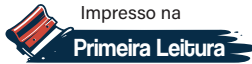
Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecâni-
co, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia
e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Ilustrações: Luiz Felipe Piorotti
Ilustração da capa:
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-161-2 — 1ª Edição - 2023

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Ticchetti, Thiago Luiz

Guia da Tipologia Extraterrestre / Thiago Luiz
Ticchetti – Limeira, SP: Editora do Conhecimento,
2023.

244 p. ; il., color.

ISBN: 978-65-5727-161-2

1. Ufologia 2. Tipologia extraterrestre I. Título

23- _____ CDD –

Índices para catálogo sistemático:

1. Ufologia - Tipologia extraterrestre

GUIA DA TIPOLOGIA EXTRATERRESTRE



DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado à minha esposa Mariana; aos meus filhos Luiz Guilherme e Marcela; e aos meus familiares.

Em especial, este livro é dedicado à memória do eterno Ademar José Gevaerd

Muito obrigado.
Thiago Luiz Ticchetti

Sumário

Prefácio	9
Introdução	13
Sistematizando a pesquisa	13
Um pouco de História	14
Os alienígenas.....	17
1. Quem é quem entre os ETs?	20
2. A importância de um guia.....	24
O sistema de classificação	27
Classe humanoide	32
Classe animália.....	101
Classe robótica.....	125
Classe exótica	137
Análise estatística	147
Critério e seleção de casos.....	149
Resultados globais.....	150
Comparativo de tipologias	157
O que ocorreu em cada período.....	160
Aumenta a incidência.....	162
Ocorrências abundantes	164
Sempre pode aumentar	167
Um curto período recheado com muitos casos.....	169
Um novo milênio continua trazendo mais casos	170
Nova década começa com vírus mortal e redução de casos ...	176
Posfácio.....	180
Humanos demais ou muito ETs?	180
De onde eles vêm e o que querem?.....	181
Padrões registrados.....	182
Os greys, um fenômeno à parte.....	184
E surgem os insectóide	187

Aspecto físico.....	187
Coisas que não são o que parecem ser.....	188
Evidências à disposição	189
A ufologia em um novo patamar	191
Tabelas	193
Bibliografia	231

Prefácio

Uma abordagem inovadora

Quando recebi o convite do ufólogo e escritor, hoje já consagrado, Thiago Ticchetti, para escrever o prefácio da quarta edição da obra “Guia da Tipologia Extraterrestre”, aceitei prontamente esse privilégio. Ao longo de mais de 40 anos de atividades como investigador e dentro dos processos de divulgação da realidade da presença alienígena, fui procurado várias vezes para essa finalidade: escrever um prefácio ou apresentação de outros livros. Com pouquíssimas exceções, tenho recusado ter esse envolvimento, mesmo para outros autores do meu círculo de amizades e isso evidentemente possuiu uma motivação.

Não há sentido ou lógica, dentro de minha visão pessoal, para “emprestar” um apoio ou reconhecimento ao conteúdo de uma obra, se isso não possuir uma base sólida. Essa minha postura não é inspirada por questões ligadas simplesmente à seriedade dos autores ou da posição dentro do cenário ufológico brasileiro e mundial, mas à existência de laços de comunidade entre o trabalho que eu mesmo realizo, visões sobre o fenômeno UFO, dentro de um amplo sentido e aqueles que já me solicitaram esse tipo de interação.

Conheci Thiago Ticchetti em Brasília (DF), por ocasião do I Fórum Mundial de Ufologia, realizado em dezembro de 1997, a primeira grande realização da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU), que havia sido criada poucos meses antes com minha participação direta, tendo à frente o hoje saudoso Ademar José Gevaerd, para realizar não só o evento, do qual fui um dos seus organizadores, mas gerar o primeiro ato objetivo contra o

processo de acobertamento militar da realidade do fenômeno UFO em nosso país (Brasil). Foi nesse mesmo ano que o autor do presente livro adentrou a chamada Equipe UFO, passando a trabalhar como tradutor de inúmeros textos assinados por autores internacionais, que acabaram sendo publicados na Revista UFO, por decisão de seu editor (Gevaerd).

Ao contrário da grande maioria dos interessados pelas questões relacionadas a existência de vida extraterrestre, que já adentravam os quadros da revista da qual fui coeditor desde seu primeiro exemplar, o trabalho de Thiago, ligado às traduções, representou apenas o início de uma trajetória brilhante, que em pouco tempo levaria o autor da obra sobre a tipologia dos extraterrestres a se transformar em um de seus principais articulistas, participando diretamente de várias de suas lutas pela defesa da seriedade, em nossa área de atuação e contra o acobertamento da presença de agentes de outras civilizações cósmicas, que continuavam a se manifestar por todo o planeta, nas mais variadas formas e situações, contatando não só os civis, em experiências pessoais, como representantes da área militar e isso por todo o planeta. Essa realidade, se transformaria anos depois, na base ou área investigativa, que acabou dando origem ao presente livro.

Como consequência de sua atuação, cada vez mais abrangente, Thiago produziu uma rica trajetória como autor, explorando diferentes aspectos das questões ufológicas e foi convidado no ano de 2012 por meu grande parceiro de décadas (Gevaerd), para ocupar uma posição na editoria de UFO (coeditor), recebendo ainda um convite para participar diretamente da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU). Foi nessa posição no cenário da Ufologia Brasileira, que participou, junto com minha pessoa, Ademar Gevaerd, Fernando Ramalho, Gener Silva e Francisco Pires, da reunião histórica ocorrida no dia 18 abril de 2013, com os representantes dos comandos militares da Força Aérea, Marinha e Exército, dentro do próprio Ministério da Defesa, que mais uma vez teve como motivação a luta contra o acobertamento militar no Brasil.

Eu poderia ficar aqui listando outros aspectos sobre a trajetória do autor da obra para a qual fui convidado a escre-

ver esse prefácio, sua projeção no cenário internacional, por exemplo, como Diretor Nacional para o Brasil da Mutual Network (MUFON), entre outros destaques da trajetória de meu parceiro na editoria da Revista UFO e Comissão Brasileira de Ufólogos. Se escrevi até aqui sobre Thiago é por conta da máxima: “a obra de um escritor é seu Universo e esse Cosmos particular, a materialização de sua essência”.

No presente livro o leitor encontrará muito mais que uma narrativa de casos de contato. Para começar, seu autor, não poderia ser mais fiel a ideia de só apresentar realmente experiências investigadas, estudadas seriamente, dentro dos objetivos vislumbrados por ele de usar e revelar as múltiplas formas, ou tipologias, apresentadas dentro da perspectiva de encontros realmente próximos com as tripulações dos UFOs. São apresentados casos dos mais diversos países, alguns considerados clássicos da história da Ufologia Mundial, ocorridos, inclusive, é claro, no Brasil. Experiências envolvendo seres de aspecto robotizado, animalesco, ou entidades alienígenas cuja padrão físico é muito semelhante a qualquer ser humano da Terra.

Outro aspecto que chamará atenção do leitor é a possibilidade revelada, dentro do exame da totalidade dos casos apresentados, de acesso as mais diversas formas de ação e posturas para abordagem dos representantes de nossa humanidade, pelas tripulações desses objetos (UFOs). Isso parece indicar múltiplas origens para o fenômeno UFO, várias civilizações distintas, provenientes de diferentes mundos, diversos sistemas estelares. A base para esse tipo de realidade, ou interpretação, possui como um dos seus alicerces uma divisão das experiências de contato em três grandes grupos: seres amistosos, indiferentes e como uma terceira possibilidade, a ação de criaturas que parecem não ter o menor respeito ou ligação com a espécie humana, que habita hoje a Terra.

“Guia da Tipologia Extraterrestre”, de forma inovadora, apresenta uma leitura das experiências de contato, em sentido inverso da maioria expressiva das obras publicadas. Os casos não são apresentados para dar base ou sustentar nossas percepções ou as tentativas de compreensão do que pode existir por trás dessas manifestações. A proposta do autor,

plenamente atingida, em mais essa obra de sucesso, foi oferecer um mosaico do que já aconteceu mundialmente e continua na verdade se materializando frente nossos olhos. Caberá ao leitor buscar sua própria interpretação. Algumas dessas experiências podem revelar o caminho à nossa frente na busca de um entendimento, dentro de um processo potencialmente grandioso para que cada um de nós encontre o ser verdadeiro lugar no Universo.

Marco Petit^[1]

[1] Ufólogo, escritor, autor de 14 livros que abordam diferentes aspectos da Ufologia Brasileira e Mundial, coeditor da Revista UFO, membro fundador da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU).

Introdução

Sistematizando a pesquisa

Todas as profissões e todos os profissionais têm seu guia. Mesmo aqueles que não são profissionais, como o caso dos ufólogos, podem consultar um livro ou compêndio sobre qualquer atividade que os interesse. Segundo uma pesquisa de opinião conduzida na década de 90 pelo Centro Roper para Pesquisa de Opinião Pública (Roper Center for Public Opinion Research), mais de 5 milhões de norte-americanos afirmaram terem sido abduzidos. Quando a ideia de escrever um guia sobre a tipologia extraterrestre surgiu em há quase 10 anos (2014), o objetivo era levar aos ufólogos algo que eles pudessem ter como um parâmetro para suas pesquisas e para aqueles que gostam do assunto, um tema pouco explorado com detalhes e informações certeiras e interessantes.

Assim, sejam bem-vindos à quarta edição do Guia da Tipologia Extraterrestre. Quando lançada a primeira, muita gente pensou que era algo de ficção científica, mas quem a leu deparou-se com uma realidade ainda desconhecida para muitas pessoas: este trabalho é inteiramente baseado em descrições de testemunhas que tiveram contato com seres alienígenas ou não humanos. São relatos de todo o mundo, das mais variadas classes econômicas e sociais; das mais diversas religiões; das mais diferentes profissões e faixa etária. Este é um fenômeno global e esses encontros vêm de longa data, na verdade, de séculos atrás.

Caso sejam essas criaturas aquilo que aparentam ser, ou sejam, extraterrestres, esse guia é indispensável, especialmente para aqueles que acreditam ter experimentado contato

de terceiro, quarto ou quinto grau.

É também uma obra fundamental para ufólogos e amantes do Fenômeno UFO. Os céticos certamente vão achá-lo risível. Como autor, quero esclarecer que, embora eu acredite nos relatos que deram base a este livro, não é a minha intenção “obrigar” que os leitores pensem como eu. Peço, apenas, que tenham a mente aberta.

Um pouco de História

Os relatos de testemunhas que tiveram contato com seres alienígenas, dentro ou fora de suas espaçonaves, não são recentes. De acordo com alguns pesquisadores, principalmente os que sugerem a Teoria dos Antigos Astronautas, há registros desse tipo de interação há milênios.

Segundo consta na história da ufologia, o primeiro registro de contato com uma aeronave alienígena ocorreu no dia 25 de novembro de 1896. Naquela tarde, o coronel H. G. Shaw e seu colega Camille Spooner, quase foram abduzidos por três criaturas com grandes e alongados olhos negros que estavam a bordo de um objeto cilíndrico. Shaw afirmava que os seres eram de Marte. A história, na época considerada um delírio, é incrivelmente similar aos relatos modernos de abduções, imputados aos greys [Cinzas].

Os casos de contatos imediatos continuaram a acontecer. Há incidentes registrados em Bournebrook, Inglaterra (1901), em Baltimore, Estados Unidos (1910), na Austrália (1919), em La Mancha, Espanha (1925), para citar alguns. A partir do início da “Era Moderna dos Discos Voadores”, no dia 24 de junho de 1947, os avistamentos e relatos tiveram um crescimento assustador. É importante salientar que os ufólogos daquela época rejeitavam os depoimentos envolvendo alienígenas, por considera-los fantásticos demais. Acreditar em discos voadores já estava de bom tamanho, “homonzinhos verdes” eram inaceitáveis.

No início dos anos 50, entretanto, os relatos de encontros com seres siderais ganharam uma nova roupagem. Pessoas afirmando terem tido contato com os “irmãos do espaço” eram cada vez mais frequentes e a tipologia extraterrestre

mudou, agora tínhamos seres muito parecidos com os seres humanos. Um dos primeiros contatados a relatar o encontro com esses seres foi o controverso George Adamski, um imigrante polonês dono de um restaurante no alto do Monte Palomar, na Califórnia. Adamski tornou-se conhecido ao mostrar algumas fotografias de espaçonaves alienígenas que, segundo ele, eram autênticas.

Em 29 de novembro de 1952, o contatado dirigiu até o deserto com alguns amigos para ver uma nave. Ao lá chegar, pediu que seus acompanhantes se mantivessem a uma distância de dois quilômetros, enquanto ele iria ao encontro de um ser vindo de Vênus.

O suposto extraterrestre que teria se encontrado com Adamski tinha aparência humana, com longos e loiros cabelos. A comunicação entre eles, segundo o homem, se dava por telepatia e por sinais, sendo que o venusiano pregava a paz e mostrava preocupação com as armas nucleares. Dizia também que suas naves-mãe estavam em órbita de nosso planeta, enquanto discos voadores visitavam a Terra.

Adamski não só alegava que era amigo próximo de outros povos interplanetários, como também que visitara a Lua a bordo de uma espaçonave, achando nosso satélite repleto de rios e árvores. Hoje sabemos que isso é um rematado absurdo, mas nos idos dos anos 50 essas alegações conseguiram fazer algum sucesso. As histórias de George Adamski e de outros contatados que seguiam a mesma linha, só fizeram reduzir ainda mais a credibilidade dos encontros e contatos com extraterrestres. Mesmo assim, dezenas de filmes de ficção científica mostrando monstros do espaço eram exibidos nos cinemas e Hollywood lucrava com o que era, então, a “febre dos discos voadores”. Enquanto isso, os encontros imediatos continuavam a acontecer.

A situação teve uma reviravolta dramática em outubro de 1954, quando relatos robustos e com total credibilidade começaram a surgir na França e em outros países europeus. Ao contrário dos amistosos e loiros seres de Adamski, os protagonistas espaciais agora eram humanoides agressivos. Poucos investigadores franceses levaram a sério os registros, mas,

naquele mesmo ano, nos meses de novembro e dezembro, outra onda de contatos com seres extraterrestres emergiu, dessa vez na América do Sul. O fato chamou a atenção de vários pesquisadores. Entretanto, o mundo continuava considerando tudo aquilo uma grande fantasia. O panorama mudaria na década seguinte, quando três episódios importantíssimos chegaram ao conhecimento do público e ajudaram a convencer as pessoas de que os relatos não só eram reais, mas potencialmente ameaçadores.

O primeiro desses casos ocorreu no Brasil, em novembro de 1957, e envolveu a primeira abdução de um ser humano, Antônio Vilas Boas, com propósitos sexuais. O que mais chama a atenção sobre o episódio brasileiro é o fato de a história, na época, ter sido ignorada e taxada de absurda pelos ufólogos. Este caso só foi publicado em 1965, em língua inglesa, pelo periódico britânico *Flying Saucer Review*. No mesmo período aconteceu o segundo caso de importância histórica, o Caso Betty e Barney Hill. Os Hills foram abduzidos em 1961 em uma estrada em New Hampshire, nos Estados Unidos. As semelhanças entre este caso e o de Vilas Boas eram muitas. Como no acontecimento brasileiro, este também não foi divulgado até 1965. Porém, o evento que, segundo dizem, teria convencido o mundo da realidade das abduções foi outro, como veremos a seguir.

No dia 24 de abril de 1964, Lonnie Zamora, na época policial de trânsito, se encontrava nos arredores da cidade de Socorro, no Novo México, perseguindo um suspeito quando um barulho atraiu sua atenção. Ao virar-se para a direção de onde vinha o som, Zamora viu uma chama azul surgir no horizonte e descer até um cânion. Tanto a chama quanto o barulho desapareceram de repente e o policial pôde observar um objeto ovoide à distância, que chegou a pensar que seria um carro virado de lado. Quando se aproximou, o homem viu o que pareciam ser duas crianças ao lado do objeto metálico branco. Um pouco menores do que um adulto, as supostas crianças vestiam um macacão justo de cor branca. Então o policial percebeu que eles não eram o que havia imaginado que fossem.

Zamora desviou o olhar da cena por um momento, para

comunicar-se via rádio com sua central, chamando reforços para ajudar em um possível acidente. Ele, então, parou seu carro e desceu do veículo. Foi quando ouviu o mesmo som e viu uma chama azul saindo debaixo do UFO, que começava a subir. Quando o chefe de polícia respondeu ao seu chamado, o objeto acelerou e desapareceu. Ao investigar o local do pouso, o policial descobriu arbustos queimados e viu que a areia tinha virado vidro devido à altíssima temperatura emanada do artefato. Além disso, também encontrou quatro marcas no solo, que foram feitas pelo trem de pouso da espaçonave.

A credibilidade da testemunha era tão grande que o chefe de polícia isolou a área e abriu imediatamente uma investigação que contou com a participação do FBI, da CIA e da Força Aérea Norte-Americana (USAF). Mas o policial não fora a única testemunha. A central de polícia da cidade recebeu diversos telefonemas de pessoas afirmando terem visto uma misteriosa chama azul e ouvido um som muito alto. O caso jamais foi solucionado, embora não tenham faltado tentativas de fazê-lo.

O major Hector Quintanilla, diretor do Projeto Livro Azul, da USAF, fez tudo o que podia para desvendar o mistério, levando o caso até ao conhecimento do presidente norte-americano, mas nada conseguiu. No final da década de 60, os relatos de contatos com seres extraterrestres não eram mais um tabu na pesquisa ufológica. O reconhecimento dessa pesquisa veio em 1972, quando o astrônomo e conselheiro do Projeto Livro Azul, J. Allen Hynek, cunhou o termo contato imediato do terceiro grau para designar os encontros com criaturas ocupantes de discos voadores. Quando o cineasta Steven Spielberg dirigiu e produziu o filme “Contatos Imediatos do 3º Grau”, em 1977, o tema alienígenas entrou em definitivo na mente do público.

Os alienígenas

A imagem popular de um extraterrestre é a de um ser parecido com o homem, mas pequeno, com cabeça grande, olhos negros amendoados e corpo frágil. Dizem que eles têm obsessão pela fisiologia e reprodução humana, extração de esperma

e óvulos, inserção de implantes nasais e que muito disso seria utilizado para a produção de bebês híbridos (seres com metade do DND humano e outra metade DNA extraterrestre). Essa imagem dos greys [Cinzas], como são conhecidos, tornou-se mundialmente famosa e foi capturada pelo subconsciente humano depois da publicação, em 1987, do livro de Whitley Strieber, “Comunhão” [Editora Record, 1999]. A imagem de um grey na capa da obra fez com que muitas pessoas reconhecessem aquele ser.

Mas, se os *greys* são os responsáveis por isso tudo, para que termos um guia, alguns de vocês podem perguntar. Bem, embora eles sejam o tipo mais comum de extraterrestre relatado, existem muito mais variedades de seres do que podemos imaginar. Genericamente falando, os *greys* têm cerca de 1,5 m de altura e pele cinza. Sua cabeça é grande, desproporcional ao corpo, sem qualquer tipo de cabelo ou pelos. Seus olhos são negros e sem pupilas. Não têm nariz, apenas dois orifícios e uma pequena e fina boca. Seus torsos são pequenos e seus braços e pernas são compridos e magros. Suas mãos têm três dedos, sem digitais.

Mas também temos relatos de *greys* com 1,80 ou 2 m de altura. Alguns têm pele marrom ou preta. Outros têm finos fios de cabelo. Ou quatro dedos, com ventosas ou garras nas pontas. Há também variação na descrição das vestimentas. Alguns usam macacões e outros, roupões. Em suma, as diferenças de tamanho e aparência entre os *greys* podem representar que são de planetas diferentes. Não temos realmente como saber isso. Existe uma grande diversidade de seres alienígenas nos registros ufológicos e não acredito que a popularidade seja, necessariamente, um indicador confiável da realidade. Além disso, alguns pesquisadores tendem a ignorar um caso quando o alienígena é descrito como sendo muito estranho ou quando não se tem informações suficientes para se basear. Esse livro tenta mudar tal situação, desenhando a anatomia extraterrestre em todas as suas mais diversas formas.

Ao longo dos anos os relatos de alienígenas falam de seres de cor branca, cinza, preta, laranja, amarela, azul e, é claro, verde. Eles podem ser minúsculos ou quase gigantes.

As descrições vão desde pequenos anões peludos a enormes criaturas carecas. Alguns se parecem com seres humanos, outros com “um típico marciano”. Mas, mesmo com tanta diversidade, existe certa consistência nas descrições. Embora alguns alienígenas sejam descritos como uma bolha de gelatina ou uma máquina de refrigerantes, a maioria deles é bípede. A presença de pernas não significa que elas sirvam para locomoção, já que vários extraterrestres parecem ter a capacidade de flutuar.

Quase todos os extraterrestres têm um tórax, membros superiores e inferiores e uma cabeça. Há casos, entretanto, em que não há braços e outros em que há mais de dois. Também há relatos de asas. Os braços, na maioria dos casos, terminam em mãos, mas temos registros de garras ou estranhos aparelhos. Quanto à cabeça, alguns parecem não ter uma, enquanto os que têm, elas podem ser grandes pequenas, redondas, quadradas, não importa, tendo sido relatado, com referências em pelo menos três publicações, ou pesquisas de ufólogos, estará neste guia.

O rosto dos seres é outro aspecto muito interessante, pois a variedade é enorme. A grande maioria tem dois olhos. O que não nos impede de termos relatos de ciclopes. São grandes e negros, ou são vermelhos. Em certos casos até brilham como luzes de Natal. Normalmente não apresentam nariz, mas dois orifícios em seu lugar. A boca, quando exposta, é, em geral, um pequeno e fino traço e nem sempre se movimenta quando o ser fala. Isso pode indicar o uso de telepatia e o desuso da boca para a comunicação.

A pele dos alienígenas também mostra uma grande variação. Os famosos *greys* apresentam uma pele lisa, pálida e sem pelos, que também já foi relatada como sendo quase translúcida. Entretanto, em muitos casos, as testemunhas afirmam que não puderam ver a pele dos seres, pois suas vestes cobrem o corpo inteiro. Isso causa uma pequena confusão, pois o observador descreve a cor prateada da roupa, como sendo a cor da pele. A pele enrugada faz com que algumas testemunhas os classifiquem como velhos, assim como classificam os que possuem pele esverdeada como sendo marcianos.

1. Quem é quem entre os ETs?

Vários pesquisadores tentaram organizar a imensa variedade de formas alienígenas através da criação de um sistema de classificação. No desejo de comprovar a realidade da hipótese extraterrestre, muitos ufólogos tenderam a colocar todos os relatos em uma pequena relação de tipos. No geral, a entidade extraterrestre era classificada entre quatro tipos básicos: o pequeno humanoide, o animal experimental, a entidade semelhante ao ser humano e o robô. Mesmo sendo uma divisão coerente, ela falha ao deixar de fora vários tipos de alienígenas e também por não incluir as diferenças entre seres de uma mesma categoria.

Outros ufólogos tentaram classificá-los pelo tamanho. O pesquisador Richard Hall, por exemplo, dividiu o grupo alienígena em vários tipos. Há os humanoides de 90 cm a 1,50 m com cabeças grandes e magros, as entidades com altura entre 1,50 e 1,80 m semelhantes a humanos e os gigantes ou monstros, com mais de 1,90 m de altura e aparência grotesca. Ele também tinha uma quarta categoria para seres não biológicos, que incluía robôs e andróides, mas essa classificação também não contemplava todos os tipos relatados.

Uma das mais completas tentativas de classificação vem da década de 60 e foi criada pelo ufólogo brasileiro Jader U. Pereira. Ele examinou mais de 200 casos envolvendo o avistamento de seres alienígenas em todo o mundo e descobriu que em quase 96% dos eventos a entidade tinha a forma humana ou humanoide. Pereira tomou como ponto de partida de sua classificação o fato de os extraterrestres usarem capacetes ou algum aparelho para respirar. Isso é certamente relevante, pois criaturas que precisam de algo para respirar na Terra são